

Tema 7: Cristologia e Catequese

A cristologia é importante para o conteúdo da catequese, pois se trata de aprofundar a pessoa de Jesus Cristo. A imagem que o catequista tem de Jesus pode influenciar na imagem que o catequizando vai forjar a respeito de Jesus. Daí a necessidade de conhecer melhor quem é Jesus para apresentá-lo coerentemente com os anseios do coração de cada catequizando.

Santo Agostinho já dizia que “ninguém ama aquilo que não conhece”. Só amamos o que conhecemos. E a catequese propicia o conhecimento e o enamoramento. Assim como, no namoro vai-se conhecendo o outro, aumentando a confiança e discernindo o amor, o mesmo ocorre com a pessoa de Jesus. Esta dinâmica de amadurecimento já foi ressaltada pelo Documento de Aparecida ao dizer que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DA 12).

Com o surgimento do documento Catequese Renovada (1983), já vem sendo acentuado na catequese a preocupação para com a pessoa de Jesus a sua centralidade na educação da fé.

Aqui vamos abordar a cristologia numa perspectiva latino-americana, apresentando o rosto de Jesus e as implicações para se colocar no seu seguimento. Este ano catequético já sugere com o lema “Catequese caminho para o discipulado”, um maior aprofundamento sobre a identidade e a missão de Jesus, para descobrir nele, o sentido para a nossa identidade e a nossa missão.

Segundo o teólogo latino-americano João Sobrinho (Jon Sobrino) há quatro elementos da estrutura terrena da vida de Jesus: encarnação, missão, escândalo da cruz e ressurreição.

1. ENCARNAÇÃO: O novo rosto de Jesus Cristo

*“Por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-Se de algum modo a todo o homem.
Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana,
agiu com vontade humana, amou com coração humano”
(Gaudium et Spes 22).*

A encarnação se situa dentro da autocomunicação divina, isto é, Deus quis se revelar a nós. A encarnação é iniciativa divina, um ato privilegiado do amor de Deus para conosco.

Pela encarnação, Deus se tornou um Deus próximo. Jesus se aproximou da realidade humana marcada pela pobreza, opressão e pela falta de dignidade. Ele fez da proximidade critério de ação: comoveu-se diante do sofrimento das pessoas - “ovelhas sem pastor”, “morte de Lázaro”; defendeu os pobres, envolveu-se nos conflitos com as autoridades opressoras, foi perseguido e crucificado.

Há uma distinção bastante importante quando se fala de Jesus ou de Cristo. Quando se fala de Jesus compreende-se o Jesus histórico, homem de Nazaré, situado no espaço e no tempo. Já quando se fala de Cristo, remete-se a idéia do “Cristo da fé”, do Cristo ressuscitado que, à luz da ressurreição, levou os apóstolos a uma re-leitura da história do Filho de Deus (O Cristo é Jesus e Jesus é o Cristo).

Essencialmente não se trata de duas pessoas, mas a mesma pessoa: “Não há como acreditar em Cristo e não acreditar em Jesus, uma vez eu não existe Cristo sem Jesus”. Em outras palavras, o mistério de Cristo é uma totalidade com dois momentos que se complementam mutuamente: O Jesus histórico e o Cristo da fé. Quando se fala em Jesus histórico, refere-se ao Jesus (antes da ressurreição) e o Cristo da fé (após a ressurreição).

Esta diferenciação indica que os primeiros cristãos descobriram o mistério da encarnação a partir do evento da ressurreição. À luz da ressurreição, os apóstolos começaram a fazer uma *leitura teológica* da vida e da morte de Jesus. Eles concluíram que Deus estava plenamente em Jesus em todos os seus momentos e que a encarnação foi o momento da realização da promessa do Pai dada aos profetas e ao povo de Deus.

A partir da Ressurreição os discípulos começaram a perceber que o Jesus histórico que caminhava com eles pelos caminhos da Palestina era o Cristo da fé que tinha sido anunciado pelos profetas, como o Messias, o Salvador do mundo.

Eliminando as imagens distorcidas sobre Jesus

Durante muito tempo, a catequese deixou de questionar as imagens de Deus presentes na cabeça das pessoas. Muitos acreditam num Jesus *super-homem*, que não tem nada a ver conosco e que resolve as coisas num passe de mágica. Facilmente a imagem que as crianças trazem, desde suas famílias, é de um Jesus diferente delas, bem semelhante aos super-heróis, um ser espiritual, desligado de todas as coisas do mundo, meio angélico, que resolve as coisas num segundo e que não sente dor, com sentimentos totalmente diferentes, pensamentos totalmente desvinculados do seu meio social. Há até quem diga que Jesus não sofreu no caminho da cruz porque Ele era Deus e os pregos não doeram em suas mãos e pés. Ora, Jesus não veio representar um teatro. Ele não fingiu ser humano, nem camuflou sua divindade num rostinho humano, à moda da sociedade que cria mutantes com poderes especiais, como vemos em filmes e novelas.

Para salvar a divindade de Jesus muitos assassinam a sua humanidade. E dizem facilmente: “*Jesus sabia disso e daquilo, Ele era Deus...*”. Jesus foi cem por cento Deus e cem por cento homem, diferente dos que acreditam que ele tenha sido cinquenta por cento Deus e cinquenta por cento homem.

Sua humanidade não interferiu nem prejudicou sua divindade e vice-versa. Leonardo Boff explica: “Tão humano assim, só poderia ser divino”. Nesta linha, o Documento de Aparecida também explicita: “Nossa fé proclama que ‘Jesus é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem’” (DA 392).

Por detrás da concepção de que Jesus não foi verdadeiramente homem, existe uma Cristologia falsa, descomprometida e muito perigosa para a evangelização, principalmente na nossa realidade brasileira. Se cremos num Jesus diferente dos humanos, podemos facilmente nos esquivar do seu seguimento, da sua proposta e das suas atitudes e discursos; podemos facilmente dizer que Jesus fez o que fez, disse o que disse, porque Ele era diferente, era somente Deus, um ser com outra identidade que está acima de nós humanos. Podemos pensar que nós, pobres seres humanos, não podemos nem pensar em ter atitudes como as que Ele teve porque somos diferentes dele em identidade. Somos humanos e ele não era.

Concretamente, é preciso deixar claro que Jesus pensava a vida como as pessoas pensam, brincava, quando criança, como as crianças brincam; comia, dormia, tinha necessidades biológicas e psicológicas como todas as pessoas têm, e nem por isso deixou de ser Filho de Deus. Jesus foi normal. Somos nós que, muitas vezes, por ignorância, distorcemos a sua imagem.

Em Jesus tudo o que é autenticamente humano aparece: a ira e alegria, bondade e dureza, amizade e indignação. Participou de todos os nossos sentimentos e fatos comuns da vida como a fome, sede, cansaço, frio e calor, a vida insegura e sem teto, as lágrimas (Lc 19,41), a tristeza e o temor (Mt 4,1-11). É um homem que experimenta a crise, a angústia, o desespero, a esperança... ao longo do viver. Experimenta os limites do viver. Ama a vida, o mundo, as pessoas. Tem sentimentos profundos: é fiel, tem senso de humor, é sensato e tranquilo (Lc 20,20-26; 4,28-30), é sentimental (Lc 7,11-15) é emotivo (Jo 11,15-17). É firme e agressivo (Mt 10,34; 11,12), justo e misericordioso. Viveu o pavor e a angústia da morte violenta.

Para refletir:

Quem lidava com Jesus na Palestina tinha dificuldade em vê-lo como presença de Deus. Seus vizinhos diziam: Não é ele o filho do carpinteiro? Não cresceu entre nós? Outros, que ouviam sua fama e sabiam de suas origens, até comentavam: E de Nazaré pode vir alguma coisa boa?

Conosco ocorre o inverso. Não conhecemos Jesus nas estradas da Palestina. Desde pequenos vemos sua imagem nos altares, cantamos-lhe hinos de louvor, nos ajoelhamos diante dele, adoramos sua presença na eucaristia. Nossa dificuldade não é admiti-lo como Filho de Deus. É vê-lo como muitos o viram na sua terra natal: um homem, alguém igual a nós.

Ouvindo isso, é provável que, muito zelosamente, alguns mais versados na doutrina se apressem a corrigir: "Igual a nós em tudo, menos no pecado". Uma grande parte, possivelmente a maioria, não gostará muito nem dessa correção, por achá-la insuficiente. Dirão: Como ele pode ser diferente só por não ter pecado? Ele tem um poder que nós não temos! Sabe tudo! Está acima dessas coisas humanas!

Há um visível mal-estar quando se menciona que Jesus teve de aprender os hábitos e a cultura de seu povo, como todo o mundo, que ele podia se decepcionar, ter medo, ter preferências, dúvidas, dores e necessidades comuns humanas. Nada disso é pecado - caberia direitinho na doutrina - mas parece humano demais para ser digno do Filho de Deus.

Por conta desse tipo de sentimento é que os evangelhos apócrifos contam histórias fantásticas, lendas de Jesus menino fazendo milagres de todo o tipo, como, por exemplo, soprar passarinhos de barro que saíam voando. Para a imaginação popular, era (é) difícil combinar a idéia de Jesus, segunda pessoa da Trindade, Filho de Deus, com os 30 anos de vida absolutamente comum de um aprendiz de carpinteiro, que em nada se destacou no meio de seus vizinhos. Em vez de se admirar e agradecer pelo magnífico amor aí manifestado por Deus nesse total despojamento, a maioria prefere imaginar um Jesus mágico, capaz de seduzir a todos com um olhar, mostrando desde pequeno que pertence a outra realidade. Mas é bom lembrar que, entre outras coisas, foi principalmente por esse caráter mágico e sensacionalista que os evangelhos apócrifos não foram assumidos como norma de fé e Palavra de Deus pela Igreja.

Lembro que certa vez organizamos uma tarde de oração que começava com as pessoas sendo convidadas a rezar reunidas em grupos ao redor de uma figura de Jesus crucificado. Uma senhora se afastou do grupo e foi rezar sozinha. A coordenadora foi ver o que havia e ela lhe explicou que era impossível rezar diante de uma figura tão "herética" que mostrava Jesus de rosto contraído como se estivesse revoltado por estar sendo crucificado. Ela imaginava Jesus sereno na cruz oferecendo seu sacrifício sem nenhum sentimento humano diante da violência, da tortura e da solidão da cruz. Afinal, o Filho de Deus tem de estar acima dessas coisas. Fica, é claro, sem explicação o escandaloso e "inoportuno" grito de Jesus: "Senhor, por que me abandonaste?".

Em outra ocasião, uma catequista foi chamada à atenção porque estava imaginando o trabalho que Maria deveria ter tido para criar Jesus, com todos aqueles probleminhas comuns de criança, incluindo eventuais febres e dores de barriga. (Que criança não tem isso?) Foi um "Deus nos acuda!", com a catequista acusada de "desconhecer a doutrina" e faltar com respeito à pessoa divina de Jesus.

De certa forma, é natural que isso aconteça. A Encarnação é tão escandalosa que fugimos dela criando uma imagem etérea de Jesus. É que aí a "loucura" de Deus passou mesmo dos limites. Admitir a total humanidade de Jesus parece um desrespeito porque há coisas em nossa vida que consideramos "menos dignas", mesmo que não sejam pecado e sejam absolutamente normais, humanas e até inevitáveis na vida diária. Esquecemos que a nossa própria natureza humana é obra de Deus e não pode ser pouco digna.

No entanto, é justamente na Encarnação total, sem faz-de-conta, no pequeno e no grande da vida humana, que o amor de Deus manifestado em Jesus ganha toda a sua surpreendente, desconcertante magnitude! Aí reside o tesouro maior da nossa fé, uma demonstração tão grande do desejo de salvação, que nem conseguimos contemplá-la por inteiro, sem desvios.

O poeta evangélico Rubem Alves, numa meditação sobre o Pai Nosso, descreve com muita ternura a beleza que é o menino Jesus precisar do leite de Maria para não passar fome. Ele diz que o Natal é uma espécie de "eucaristia ao contrário": na eucaristia nós nos alimentamos do corpo de Deus, no Natal Deus precisa de um corpo humano, o corpo de Maria, para se alimentar.

Depois de crescer, Jesus vai continuar precisando de ajudas humanas tanto para se sentir feliz como para realizar sua missão: precisa do acolhimento de Marta e Maria, da amizade de Lázaro, dos amigos que lhe preparam o local da ceia, da mulher que o cobre com perfume, das casas que o acolhem na qualidade de pregador itinerante, da lealdade daqueles que escolheu para continuar o trabalho, do barco dos pescadores do mar da Galiléia, do camponês de Cirene que o ajudou a carregar a cruz, de José de Arimatéia, que lhe ofereceu uma sepultura...

Therezinha Motta Lima da Cruz

Vamos perguntar:

1. Quem é Jesus pra mim? Olhando para sua pessoa, o que mais me chama a atenção?
2. Qual a imagem de Jesus que a nossa catequese transmite?

3. MISSÃO: O Seguimento de Jesus

Jesus chama seus discípulos para o seu seguimento em comunhão de vida, missão e destino. Para conhecer Jesus e sua proposta, só seguindo-o e amando-o: “quem quiser conhecer Jesus e não só ter notícias sobre Ele que O siga” (Jon Sobrino).

Jesus inverte o sistema mestre-discípulo de sua época: se antes era o discípulo que escolhia o seu mestre para se instruir na Lei, agora com Jesus é o Mestre que escolhe os seus discípulos.

O chamado de Jesus aos discípulos leva a uma entrega incondicional e obediência absoluta (cf. Mc 2,14). O Mestre pede capacidade para renunciar os vínculos familiares (cf. Lc 14,26), vender os bens e doar aos pobres (cf. Mc 10,21).

Para seguir Jesus é preciso cultivar uma profunda e pessoal relação com o Mestre. Sem essa proximidade, sem estar com ele e ter os seus sentimentos, não há como falar em seguimento.

Jesus anuncia o Reino

Jesus inicia sua vida pública convidando ao segui-lo. Nesta etapa, ele se dedica à pregação do Reino, dom de Deus. O Reino exige conversão (Mc 1,5; Mt 4,17), amor sem limites e se destina preferencialmente aos mais pobres e necessitados (Mt 5,43; Lc 14,12-14).

O Reino exige também seguimento. Jesus chamou os discípulos e os enviou a pregar a proximidade do Reino (Mc 3,13s; 6,7-13; Mt 10).

Jesus foi enviado para anunciar a boa nova aos pobres (Lc 4,18), ou seja, aos que estavam à margem da história, e que foram oprimidos pela sociedade. Os evangelhos sinóticos (Mt, Mc e Lc) apresentam duas categorias de pobres: *os pobres economicamente*, para quem são negadas as condições mínimas de vida (os famintos, sedentos, nus, estrangeiros, os enfermos, os encarcerados, os angustiados) e *os pobres sociologicamente*, os que foram marginalizados por conta de sua ignorância religiosa ou tinham comportamento moral longe dos padrões da época (pecadores, publicanos e prostitutas, os desprezados pela sociedade).

Desde o AT, Deus está do lado do povo oprimido. No NT, Jesus anuncia o Reino por meio de sinais: expulsando os demônios e curando toda sorte de enfermidades (Mc 1,39; Mt 8,16; Lc 4,40). Os milagres têm a finalidade de evidenciar a misericórdia divina.

A expulsão dos demônios mostra que a vinda do Reino não é pacífica e ingênua, mas implica numa luta ativa contra o anti-Reino. O acolhimento e o perdão dos pecadores como expressão de libertação de tudo o que escraviza para viver na liberdade e na dignidade.

Para anunciar o Reino, Jesus se utiliza das parábolas. Elas falam do Reino, mas não o definem. Elas questionam, provocam crise, exigem tomada de posição, geram esperança e desafiam.

O Reino de Deus é parte integrante do caminho do seguimento e a sua realização coloca em evidência alguns valores: a gratuidade e o amor incondicional no anúncio da boa nova.

Jesus: Boa notícia para os pobres e dom de Deus para o mundo.

Jesus anuncia a boa-nova, prega o Reino aos pobres por palavras e obras. Os sinais que ele realiza apontam para o Reino e suscitam a esperança de que o Reino é possível mesmo no meio da realidade oprimida. A prática de Jesus tem uma dimensão sócio-política, porque se expressa em forma de justiça nas relações sociais. É um amor conflitivo que rompe com as cadeias da injustiça e do pecado e leva a um novo dinamismo, a uma transformação integral.

A prática de Jesus é também uma prática profética, porque leva a combater tudo o que é anti-reino, na defesa do verdadeiro Deus e na denúncia dos ídolos que ameaçam a vida do povo. Jesus não ficou alheio às controvérsias de seus adversários sobre a realidade social e religiosa. O evangelista Marcos acentua os conflitos de Jesus em diversos episódios: a cura do paralisado (2,1-12); comer com os pecadores (2,15-17); a questão do jejum (2,18-22); espigas colhidas em dia de sábado (2,23-28); a cura da mão seca (3,1-6).

O que realmente está em jogo é a visão de Deus. Por isso, Jesus não teme defender os injustiçados, apontando para o Deus da vida e desmascarando as leis e os costumes que não estão a serviço da vida humana.

Nenhuma lei pode estar acima da vida humana, mas a seu serviço. e nenhuma tradição de fé pode ofuscar o mistério da vontade de Deus. É esta a causa de Jesus, ao desmascarar e denunciar a imagem opressora de Deus. Ao denunciar esta imagem Jesus atrai a ira das classes que produzem essa falsa imagem de Deus a serviço de interesses próprios.

Jesus escandaliza as autoridades quando equipara o amor de Deus ao amor do próximo. A missão foi para Jesus e é para seu seguidor a forma de manter a supremacia do amor. Ter uma missão é o que dá sentido a vida de Jesus e o amor é o princípio fundamental de sua vida.

Cristo está presente, escondido e sem rosto, na dor dos pobres e está também salvificamente presente em todos aqueles que se aproximam dos pobres para libertá-los.

Missão libertadora em favor das vítimas

O modo de Jesus viver a fé é conflitivo: Jesus se coloca a favor dos oprimidos e contra os opressores. Seu seguimento é conflitivo, porque gera perseguições.

Os pobres além de destinatários privilegiados da missão de Jesus, são sacramento da sua presença, porque tornam presente Jesus profeta e evangelizador. Para conhecer Jesus é necessário conhecer os pobres (Jon Sobrino).

Comunidade, ensaio do Reino (Carlos Mesters)

Toda nova experiência de Deus, quando verdadeira, traz mudanças profundas na convivência humana. Eis algumas das mudanças que apareceram na comunidade de pessoas que se formou ao redor de Jesus.

1. **Todos irmãos.** A base da comunidade não é o saber, nem o poder, mas a igualdade de todos como irmãos. É a fraternidade.
2. **Igualdade homem e mulher.** Jesus muda o relacionamento homem mulher, pois tira o privilégio do homem em relação à mulher.
3. **Partilha dos bens.** Ninguém tinha nada de próprio (Mc 10,28). Jesus não tinha onde reclinar a cabeça (Mt 8,20). Mas havia uma caixa comum que era partilhada também com os pobres (10 13,29).
4. **Amigos e não empregados.** A partilha deve atingir a alma e o coração (At 1,14;4,32). Eles rezam juntos, sofrem juntos. A comunhão deve chegar ao ponto de não haver mais segredo entre eles (10 15,15).

5. **Poder é serviço.** (Lc 22,25-26; Mc 10,44; Jo 13,15; Mt 20,28).
6. **Poder de perdoar e reconciliar.** O perdão de Deus passa pela comunidade que deve ser lugar de perdão e de reconciliação, e não de condenação mútua (Jo 20,23; Mt 18,18).
7. **Oração em comum.** Eles iam juntos em romaria ao Templo (10 2,13;7,14;10,22-23), rezavam antes das refeições (Mc 6,41; Lc 24,30), freqüentavam as sinagogas (Lc 4,16). E, com grupos menores, Jesus se retirava para rezar (Lc 9,29; Mt 26,36-37).
8. **Alegria.** Jesus diz aos discípulos: “Felizes são vocês, porque seus nomes estão escritos no céu” (Lc 10,20), seus olhos vêem a realização da promessa (Lc 10,23-24), o Reino é de vocês! (Lc 6,20). É a alegria que convive com dor e perseguição (Mt 5,11). Ninguém consegue roubá-la (Jo 16,20-22).

Estas são algumas das características da comunidade que nasce ao redor de Jesus. Ela é o modelo para a comunidade dos primeiros cristãos, descrita nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47; 4,32-35). Serve de modelo para todos nós! A comunidade deve ser como o rosto de Deus, transformado em Boa Nova para o povo.

Vamos perguntar:

1. E você catequista, sente que Jesus o chamou para ser seu discípulo (a) e anunciar a sua Palavra?
2. Quais as qualidades são importantes para grupo de catequistas?
3. Como dar testemunho de Jesus hoje? Como ser seu discípulo (a)?

Uma música: Um certo Galileu (Pe. Zezinho, scj)

1. Um certo dia a beira mar, apareceu um jovem galileu. Ninguém podia imaginar que alguém pudesse amar do jeito que ele amava. Seu jeito simples de conversar tocava o coração de quem o escutava.

E seu nome era Jesus de Nazaré. Sua fama se espalhou e todos vinham ver O fenômeno do jovem pregador, que tinha tanto amor.

2. Naquelas praias, naquele mar, Naquele rio, em casa de Zaqueu. Naquela estrada, naquele sol e o povo a escutar histórias tão bonitas. Seu jeito amigo de se expressar enchia o coração de paz tão infinita.
3. Em plena rua, naquele chão, naquele poço e em casa de Simão. Naquela relva, no entardecer o mundo viu nascer a paz de uma esperança. Seu jeito puro de perdoar Fazia o coração voltar a ser criança.
4. Um certo dia ao tribunal alguém levou o jovem Galileu. Ninguém sabia qual foi o mal e o crime que ele fez quais foram seus pecados. Seu jeito honesto de denunciar mexeu na posição de alguns privilegiados.

E mataram a Jesus de Nazaré. E no meio de ladrões puseram sua cruz. Mas o mundo ainda tem medo de Jesus que tinha tanto amor.

4. O ESCÂNDALO DA CRUZ

As causas históricas da morte de Jesus

Qual a consciência de Jesus sobre a sua morte? Qual foi a causa da sua morte? Estas perguntas são fundamentais para entendermos o significado da morte de Jesus.

Na Galiléia, Jesus foi percebendo que sua morte iria trazer grandes conseqüências. Sua pregação desestruturou o sistema religioso e social da classe dominante e injusta. Ele foi acusado de *agitador político*.

O contraste do Deus da Misericórdia e do Deus-Amor que acolhe os marginalizados para fazer parte do seu Reino com o Deus da comercialização e da dominação que justifica as estruturas injustas ficou gritante.

O jeito que os poderosos encontraram foi acusar Jesus de blasfemo e tentar silenciá-lo com a sua morte. Será que se pode afirmar ingenuamente que a causa da morte de Jesus teria sido vontade do Pai?

Em muitos funerais a gente sempre escuta uma palavra assim para procurar “consolar” os familiares. Alguns dizem com uma certeza que causa até mal estar na gente: *“Fulana e beltrano aceite a morte de seu ente querido. É vontade de Deus. Deus quis. Fazer o quê? Você vai se revoltar contra a vontade de Deus?”*.

Quando a gente escuta isso, a gente devia dar um grito catequético. É um absurdo teológico. Que tipo de imagem de Deus se passa chamando a pessoa a um passivismo? Passa-se a imagem de um Deus justiceiro, vingador... Como pode Deus querer nossa tristeza e ficar impassível diante da nossa dor e do nosso sofrimento?

Não vamos ficar calados quando a gente escutar algo deste tipo. Não! Deus não quer a tristeza e a morte, ele permite porque respeita a liberdade humana. A morte é uma realidade da qual ninguém vai escapar, mas a morte de Jesus ilumina a vida humana e o mistério da nossa morte.

A morte de Jesus é uma conseqüência histórica do tipo de vida assumido por ele, da sua fidelidade ao projeto salvífico que gerou insatisfação e rejeição por parte daqueles que não quiseram aderir no intuito de formar uma nova comunidade, baseada num novo tipo de sociedade. Foi o fechamento, a não aceitação da proposta do Reino de Deus e a recusa a uma sociedade igualitária a causa histórica da morte de Jesus.

A história continua produzindo cruces. As injustiças presentes no mundo, os sofrimentos e a situação de miséria por conta da ganância e do egoísmo de muitos continuam ainda gerando morte em nossa sociedade. É preciso enxergar no sofrimento humano um caminho de esperança, de solidariedade e de libertação e de vida plena.

A cruz como mediação de salvação e expressão máxima do amor e da fidelidade de Deus

A cruz conduz à reflexão de toda a vida de Jesus e à seguinte indagação: Quem foi o Deus revelado por Jesus? Um Deus amoroso e gratuito ou um Deus violento, que impõe pela força e massacra a liberdade humana? Se Jesus tivesse assumido o caminho do poder, como queria o tentador, teria deturpado a imagem de Deus. Jesus não veio para se colocar a serviço de um Deus que violenta e domina as pessoas pelo medo e pelas armas.

A cruz em si mesma não salva ninguém. Salvadora é a vida de Jesus. Sem a vida de Jesus a cruz não passa de um instrumento de maldição. Com a vida de Jesus, uma vida radicalmente contrária ao pecado e à morte, que a cruz se torna instrumento de salvação, porque resume a radical entrega de Jesus, durante toda a sua vida.

☛ *Diante da realidade da cruz, experimentamos uma sensação de perplexidade, de indignação e confronto com as nossas convicções internas. Já experimentou isso alguma vez? Quais situações que causam isso em nós?*

O fato de ficarmos desconcertados, perplexos e até escandalizados diante da cruz do povo faz parte da fé cristã. O mistério da vida de Jesus ilumina a nossa vida, sua cruz ilumina a cruz que carregamos dia-a-dia.

A cruz se tornou símbolo fundamental do cristão porque constitui a expressão máxima da entrega do amor de Jesus. A cruz é o símbolo máximo da salvação que encarnou na forma de paz, como única alternativa de um Deus não-violento nos fazer conhecer o seu amor. Isto se tornou o grande escândalo da cruz, anunciado por Paulo. Como pode um Deus morrer na cruz por nós? Loucura para os insensatos, mas como diz São Paulo, a “doutrina da cruz é loucura para os que se perdem, mas é poder de Deus para os que se salvam” (1Cor 1,18).

Ora, se já é difícil aceitar a realidade do amor de Deus para com a criatura humana (A filosofia questiona: como pode um Deus se apaixonar pela sua criatura?), o que dizer da realidade da cruz? A cruz de Jesus proclama algo muito mais inaudito e incrível: Deus nos ama a ponto de nos entregar o próprio Filho (cf. Jo 3,16). Na cruz se manifesta “o poder e a sabedoria de Deus” (cf. 1Cor 1,24).

Não há como separar a cruz de Jesus de toda a sua vida, numa dimensão de doação. Separar a cruz da vida de Jesus leva à vivência de uma religião que valoriza o sofrimento pelo sofrimento. A cruz de Jesus exige uma profunda revisão das imagens que fazemos de Deus.

O Deus revelado na cruz de Jesus não é um Deus impassível (frio) e apático. O Deus revelado na cruz de Jesus é um Deus solidário com o sofrimento de cada ser humano, um Deus que assume não só o sofrimento e a morte de Jesus, mas o sofrimento e a morte de todos os seres humanos.

Na cruz de Jesus, Deus assume a vida e a realidade de todos os povos crucificados na história pelas injustiças e pelas diversas formas de opressão. Daqui decorre a nossa missão: assumir a nossa cruz de Jesus que também é nossa, para descer da cruz os povos crucificados.

A história de Jesus de Nazaré não termina na noite sombria de sua morte na cruz, porque o Deus fiel o ressuscitou dentre os mortos. A cruz de Jesus, portanto, não é a última e derradeira palavra sobre ele, nem a cruz dos povos crucificados é o último e definitivo julgamento sobre eles.

Para refletir:

1. No caminho do seguimento de Jesus qual o significado da cruz de Jesus e das nossas cruzes cotidianas?
2. Quais as cruzes que a nossa catequese hoje enfrenta?

Uma música: Dois riscos (Pe. Zezinho, scj).

*Feita de dois riscos é a minha cruz
Sem esses dois riscos não se tem Jesus
Um é vertical, o outro horizontal
O vertical eleva, o horizontal abraça
Feita de dois riscos é a minha cruz
Sem esses dois riscos não se tem Jesus*

*Feita de dois riscos é a minha fé
Sem esses dois riscos religião não é
Um é vertical, o outro horizontal
Um vai buscar na fonte*

*O outro é o aqueduto
Feita de dois riscos é a minha fé
Sem esses dois riscos religião não é*

*Feita de dois riscos é o meu caminhar
Sem esses dois riscos posso não chegar
Um é vertical, o outro horizontal
O vertical medita, o horizontal agita
Feita de dois riscos é o meu caminhar
Sem esses dois riscos posso não chegar*

3. RESSURREIÇÃO: Viver como ressuscitados nas contingências da história

A ressurreição é a consumação da vida de Jesus, uma realidade totalizante. Só a partir dela se pode falar de uma fé explícita em Jesus Cristo.

A ressurreição de Jesus é a esperança para os crucificados da história, porque Deus ressuscitou um crucificado. O lugar privilegiado da esperança é o mundo dos crucificados.

A revelação do Deus da vida na ressurreição é inseparável da revelação, na cruz de Jesus, do Deus solidário: “sem a ressurreição, o amor não seria o autêntico poder; sem a cruz, o poder não seria amor” (Jon Sobrino).

A ressurreição mostra a cruz como caminho para a vida. Não a cruz pela cruz, mas a cruz em conexão com a vida toda de Jesus, na etapa de serviço. Cruz e ressurreição são dois momentos inseparáveis da realidade única que é o mistério pascal.

A ressurreição de Jesus não revela só o poder de Deus sobre a morte, mas acima de tudo, o triunfo da justiça sobre a injustiça.

A ressurreição significa que a morte não tem a última palavra sobre a história. A ressurreição será o referencial para refletir e re-avaliar a realidade de Jesus: o ressuscitado é o crucificado. Esse Deus “novo” possibilita a realidade do homem “novo”.

A fé na ressurreição de Jesus é mostrada no NT através de confissões ou fórmulas da fé (Rm 1,3-4; 10,9; At 2,23-24), de testemunhas (At 10,40-42) e relatos evangélicos (Mc 16,1-8; Mt 28,1-10; Lc 24,1-53; Jo 20,21-23).

As aparições são fundamento da fé na ressurreição. Não é a fé que cria o ressuscitado, mas a revelação de Deus a respeito do ressuscitado que constitui a origem e o fundamento da fé. Isto também explica que a fé na ressurreição não se fundamenta no sepulcro vazio. O túmulo vazio não é o fundamento da fé dos apóstolos na ressurreição, não é uma prova, mas um sinal.

A ressurreição de Jesus não pode ser provada cientificamente da mesma forma que não se pode provar que não houve ressurreição. A ressurreição é um acontecimento real, mas meta-histórico (além do histórico).

As testemunhas da ressurreição viveram a mesma experiência, em lugares e tempos diversos. Todas “viram” o Senhor ressuscitado. A experiência pascal mudou radicalmente a vida dos discípulos.

Um texto para refletir: A pipoca

A culinária me fascina. De vez em quando eu até me até atrevo a cozinhar. Mas o fato é que sou mais competente com as palavras do que com as panelas.

Por isso tenho mais escrito sobre comidas que cozinhado. Nunca imaginei, entretanto, que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu.

A pipoca é um milho mirrado, subdesenvolvido. Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista de tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a idéia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecassem e

pudessem ser comidos. Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado.

Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer.

Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosa. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser.

Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão — sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: PUF!! — e ela aparece como outra coisa, completamente diferente, que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante.

Na simbologia cristã o milagre do milho de pipoca está representado pela morte e ressurreição de Cristo: a ressurreição é o estouro do milho de pipoca. É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro.

Em Minas, todo mundo sabe o que é piruá. Falando sobre os piruás com os paulistas, descobri que eles ignoram o que seja. Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua. Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar. Mas acho que o poder metafórico dos piruás é maior. Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo esquente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. Ignoram o dito de Jesus: "Quem preservar a sua vida perdê-la-á". A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo a panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo.

Que o fogo do Espírito Santo possa estar queimando nossas cascas e fazendo-nos mais maleáveis ao seu sopro. Deixa-te moldar pela Palavra viva e pelo poder de Deus! Saia da mesmice e faça diferença em sua geração!

Rubem Alves

Vamos questionar:

1. O que você achou desse texto? Qual a mensagem que fica para você?

2. Tem alguma outra idéia interessante sobre o texto? Há outra comparação que fala de morte e ressurreição?